



Essência versus Aparência? Perspectivas Teóricas sobre os Transtornos Psicológicos numa “Sociedade do Espetáculo”

Lidiane Bernardo Gomes, Francisco Francinete Leite Junior

Resumo: O presente artigo tem por objetivo elaborar uma análise sobre a relação entre os transtornos psicológicos e o uso das redes sociais (*WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter e Tinder*) a partir de uma leitura da sociedade apresentada nas ideias de Guy Debord (1967), traçando um paralelo com a sociedade contemporânea, e obras da atualidade sobre o tema considerando os últimos 12 anos. Para tanto objetivamos investigar como a espetacularização da sociedade apresentada por Debord interfere na compreensão dos transtornos psicológicos na atualidade. Nesse sentido, metodologicamente seguimos o seguinte percurso: 1- da delimitação do tema inserindo à temática transtornos psicológicos; 2 - levantamento das publicações em artigo de bases de dados da internet e livros; 3 – análises e classificações das informações encontradas. Nessa fase foram considerados livros e artigos que apresentavam uma correlação entre sociedade atual e sua relação com as mídias e transtornos psicológicos; 4 – organização e escrita das ideias pré-estabelecidas. Diante deste estudo concluímos que, de acordo com o levantamento bibliográfico, existem pesquisas que mostram a relação entre *selfies*, em grande quantidade, com o transtorno de personalidade narcísico. Além disso, alguns estudos pesquisados sugerem o lado perigoso das *selfies*, quando a pessoa ultrapassa todos os limites para conseguir a *selfie* perfeita.

Palavras-chave: Sociedade do espetáculo; Mídias; Redes sociais; Transtornos psicológicos.

Essence versus Appearance? Theoretical Perspectives about Psychological Disorders in a “Spectacle Society”

Abstract: This article aims to elaborate an analysis on the relationship between psychological disorders and the use of social networks (*WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter and Tinder*) from a reading of society conceived in the ideas of Guy Debord (1967), drawing a parallel with contemporary society, and current works on the subject considering the last 12 years. Therefore, we aim to investigate how the spectacularization of society presented by Debord interferes with the understanding of psychological disorders today. In this sense, methodologically we follow the following path: 1- from the delimitation of the determined theme to the theme of psychological disorders; 2 - survey of publications in an article from internet databases and books; 3 - analysis and classification of the information found. In this phase, books and articles were considered that presented a relationship between the current society and its relationship with the media and psychological disorders; 4 - organization and writing of pre-planned ideas. In view of the study, we conclude that, according to the bibliographic survey, there are studies that show the relationship between *selfies*, in large quantities, with narcissistic personality disorder. In addition, some researched studies improve the dangerous side of *selfies*, when a person exceeds all limits to achieve a perfect *selfie*.

Palavras-chave: Sociedade do espetáculo; Mídias; Redes sociais; Transtornos psicológicos.

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. lidigomes3@hotmail.com;

² Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade Católica do Pernambuco (UNICAP). Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Graduado em Psicologia pela Faculdade Leão Sampaio (FALS), possui Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (KURIUS), História Social (URCA), Gestão Escolar (FJN) e Metodologia do Ensino Fundamental (FJN). Docente do Curso de Psicologia Centro Universitário Dr. Leão Sampaio- UNILEÃO. professor.juniorlinhares@gmail.com.

Introdução

Vivemos em uma sociedade na qual os meios de produção levam os indivíduos à busca da satisfação de necessidades temporárias, onde o salário no fim do mês, em geral é, insuficiente para cobrir todas as demandas de sobrevivência. Assim as ideias trazidas por Debord (1967) indagam sobre a necessidade de compreendermos os fatos para além do tempo em que acontecem. Considerando que a vida em sociedade é um processo histórico sempre em construção e que a aplicabilidade de algumas teorias perpassa o momento em que ocorrem.

Agamben,(2009), discorre sobre o que é contemporâneo através de duas vertentes: de um lado para ele ser contemporâneo é relativo ao tempo vivido, “presente, numa desconexão e numa dissociação”, ou seja, por esse viés é contemporâneo quem “adere” ao tempo vivido e “ao mesmo tempo, dele toma distância” num processo de adesão de uma dissociação e um anacronismo; por outro lado “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”, portanto, “perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós”

Com base no contexto contemporâneo pode-se inferir que o indivíduo, por vezes, não se reconhece enquanto participante daquilo que produz, ele é alheio ao produto. Uma sociedade onde se valoriza tudo o que é instantâneo, onde as mídias sociais (*WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter e Tinder*) apresentam-se como necessárias, e por sua lógica dela deve ser imediata. De acordo Tavares, (2010), tal situação é mediada por “imagens, modas, tendências impostas pelos veículos de comunicação, globalização de costumes, necessidades, e modos de ser dos indivíduos enquanto atores da cena social”. Há uma grande transformação no modo de viver. Fala-se constantemente em divisão de classes, no entanto, o que se vê são pessoas que seguem um padrão comandado pela valorização do ter e do parecer ter.

Essa exposição midiática, reforçada pelas redes sociais é normalmente apresentada por alguém famoso, é tomada como diretriz a ser seguida. E quem não acompanha essa tendência é considerado estranho, estigmatizado e rotulado. Valoriza-se enfaticamente a aparência, deixando de lado a essência, o que evidencia um cenário de uma sociedade cada vez mais adoecida, acometida por patologias geradas pela frustração de não ter aquilo que se deseja para ser igual a certos grupos sociais. Nesse sentido, Vargas Llosa (2013), em seu livro a civilização do espetáculo, resume de forma sucinta o que o Debord traz como sociedade do espetáculo. Sobre essa obra, ele explica:

Sua tese central é que na sociedade industrial moderna, na qual o capitalismo triunfou, e a classe operária foi (pelo menos temporariamente) derrotada, a alienação — ilusão da mentira convertida em verdade — monopolizou a vida social, transformando-a numa representação em que tudo o que é espontâneo, autêntico e genuíno — a verdade do humano — foi substituído pelo artificial e pelo falso. Nesse mundo, as coisas — mercadorias — passaram a ser os verdadeiros donos da vida, os amos que os seres humanos servem para assegurar a produção que enriquece os proprietários das máquinas e as indústrias que fabricam tais mercadorias (VARGAS LLOSA,2013, p.21)

Essa sociedade do espetáculo é reflexo da coisificação de tudo, inclusive das pessoas. Há uma valorização do ter para ser e de se fazer parte de um determinado grupo. Essa é uma realidade presente em todos os setores da sociedade atual. Percebe-se a perda de estrutura das instituições basilares como a família e a educação, por exemplo. É mais fácil e prático oferecer ao jovem que ele siga a moda a ter de educá-lo no sentido de ser independente em a relação ao que o meio social do qual ele faz parte entende como certo. Para Quintaneiro (2009), “o grupo social possui, portanto, uma mentalidade que não é idêntica à dos indivíduos, e os estados de consciência coletiva são distintos dos estados de consciência individual”, ou seja, não se pode pensar nem agir diferente do coletivo. Um argumento pertinente nesse sentido vem das palavras de Oliveira (2018) fazendo uma análise sobre a onipotência do que escreveu Debord em 1967 e que caracteriza de maneira incontestável a sociedade do século XXI:

O livro chega a nós, do século XXI, entre algo profético e alarmista. As constatações e comentários de Debord chegam a assustar. Parafraseando a abertura de O capital, ele conclui o primeiro parágrafo com: “Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”. De 1967 para cá, isso só piorou, ainda mais numa sociedade globalizada que tem a internet como mediadora de relações entre todos os cantos do mundo. É o espetáculo atingindo níveis assustadores. E, além de tudo, esse espetáculo também é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta em sua plenitude a essência de todo o sistema ideológico: o empobrecimento, a subordinação e a negação da vida real. A ignorância dos espectadores nasce daquilo que o espetáculo ensina. O discurso do espetáculo não deixa espaço para resposta. A lógica só se forma socialmente pelo diálogo; não é fácil e ninguém quer ensiná-la aos espectadores. A preguiça do espectador é a mesma de qualquer intelectual, do especialista formado às pressas, que vai sempre tentar esconder os estreitos limites dos seus conhecimentos através da repetição dogmática de algum argumento de autoridade sem qualquer lógica. (OLIVEIRA, 2018, np)

Nessa mesma linha de raciocínio, Debord (1967) traz em linhas gerais como aquilo que a mídia mostra, influencia os sujeitos no sentido de torná-los, a todo tempo, inclusos e alienados dentro do processo de produção da imagem, usada como positiva, quando na verdade, contrapõe a essência do indivíduo, colocando-o alheio a tudo que efetivamente o pertence, ou seja, deixa de vivenciar para representar.

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência. (DEBORD, 1997, p.16/17)

A partir da citação acima, fica claro que vivemos em uma sociedade contemplativa, imediatista, baseada na aparência e na representação da imagem, pois tudo que se é mostrado pela mídia é tido como algo positivamente necessário. Isto está tornando a vida das pessoas uma representação real, instantânea do processo de produção da aparência e da perda do essencial.

A contemplação da imagem torna o sujeito alheio ao seu próprio modo de ser, ele deixa de viver para contemplar de forma alheia um enquadramento no meio cultural e social ao qual ele não pertence, mas que julga necessitar para parecer normal para um determinado grupo. A necessidade dessa normatização alienada, imposta e claramente exposta e ao mesmo tempo obscura, pelo fato de vivermos intrinsecamente mergulhado nesse mundo de coisificação, mistificação, nos faz ignorarmos a influência, o domínio de toda essa ação em nossa vivência nessa “sociedade do espetáculo”, sociedade da imagem, da aparência.

O poder de permanência de dominação da imagem está na necessidade do ter e parecer ter, na padronização imposta por normas que atingem toda a vida individual e coletiva. O sociólogo Max Weber (in: Barbosa & Quintaneiro, 2017) “entende que o social se constrói a partir das ações individuais”. Nesse contexto, cabe aqui uma reflexão: que tipo de sociedade estamos construindo se o tempo todo somos representação do processo de padronização coletivo? E sobre isso Barbosa & Quintaneiro (2017) relatam:

Weber interessou-se pelas estruturas de dominação especialmente sob duas formas: a burocrática e a carismática. A primeira corresponde ao tipo especialmente moderno de administração, racionalmente organizado, ao qual tendem as sociedades ocidentais e que pode aplicar-se tanto a empreendimentos econômicos e políticos quanto àqueles de natureza religiosa, profissional, etc. Nela a legitimidade se estabelece através da crença na legalidade das normas estatuídas e dos direitos de mando dos que exercem a autoridade. Em oposição a ela, as duas outras formas (tradicional e carismática) fundamentam-se em condutas cujos sentidos não são racionais. Em certas circunstâncias, cada uma dessas formas de dominação tradicionais ou racionais podem ser rompidas pelo surgimento do carisma que institui um tipo de dominação que se baseia na “entrega extracotidiana à santidade, heroísmo ou exemplaridade de uma pessoa e às regras por ela criadas ou reveladas”. Ela representa a possibilidade, no sistema teórico weberiano, de rompimento efetivo, apesar de temporário, de outras formas de dominação. Em algum momento de seu exercício e mesmo para manter-se, a dominação carismática tende a tronar-se tradicional ou racional-legal, o que é chamado de rotinização ou cotidianização do carisma. (BARBOSA & QUINTANEIRO, 2017, p.130)

O que fica nitidamente claro na citação acima é o fato que a sociedade tem transformado os tipos de dominação em algo normal, comum, visto que o poder que a imagem exerce sobre o indivíduo está conectado ao fato dessa imagem ser representada por alguém, por um famoso, que é considerado pela coletividade carismático, ou seja, estratégias de persuasão usadas pela mídia a partir do retorno que é dado pela sociedade àquilo que por ela é mostrado. Nesse sentido,

Toda normatização, pressupõe então, um enquadramento dos indivíduos dentro de determinados padrões valorizados por uma determinada cultura. No caso da atualidade, este cenário imputa ao sujeito a obrigação das realizações das performances espetaculares a todo tempo. Estas performances espetaculares podem ser entendidas como um posicionamento, no sentido de uma estética das aparências sempre endereçadas ao Outro. A cultura espetacular é a pré-condição para uma performance demasiadamente narcísica. Ainda nos trâmites da cultura pós-moderna, outros valores são altamente estimulados, como por exemplo, a fluidez dos relacionamentos, a capacidade de permearmos quanto mais territórios possíveis, agilidade, desembaraço no relacionar-se, acúmulo de experiências em detrimento da qualidade das mesmas. (TAVARES & HASHIMOTO, 2008, p.10)

Portanto, podemos perceber que a “sociedade do espetáculo” apresentada por Debord é representada na contemporaneidade como a sociedade da aparência, do ter para ser. Da obediência à imagem, da alienação, da contradição à afirmação do indivíduo enquanto ser individual, partícipe de uma coletividade demasiadamente guiada por padrões. Tal meio de representação tem tornado o indivíduo alheio à construção daquilo que de fato lhe é necessário para vinculá-lo ao que parece ser pertinente e que lhe é imposto pela dominação da imagem, representados pelos sujeitos influentemente carismáticos. O que, obviamente, não se pode generalizar e nem negar a capacidade de o indivíduo de reconhecer a verdadeira realidade na qual está inserido.

Isto indica a importância de sabermos como o usar a tecnologia para que ao mesmo tempo em que ela se mostra necessária para as relações humanas nas suas várias vertentes não se torna um inimigo que possibilite ocasionar sofrimentos e prejuízos. Sugere-se então com essa pesquisa analisar a relação entre a espetacularização da sociedade apresentada por Debord com a influência da mídia e sua provável interferência para o surgimento de transtornos psicológicos, almejando possibilitar uma reflexão sobre que tipo de relação a sociedade atual está estabelecendo dentro dos diversos espaços sociais de convivência.

Isso é relevante para percebermos que pesquisar sobre tal assunto nos possibilita refletir sobre como as relações humanas estão se tornando artificial e virtual. Além disso, é interessante pensar os desafios que os profissionais da psicologia poderiam encontrar frente os

sofrimentos/prejuízos causados nos sujeitos que se tornam dependentes das redes sociais para se autorrealizar.

Portanto, essa pesquisa tem o objetivo elaborar uma análise sobre a relação entre os transtornos psicológicos e o uso das redes sociais (*WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter e Tinder*) a partir de uma leitura da sociedade apresentada nas ideias de Guy Debord (1967), traçando um paralelo com a sociedade contemporânea, e obras da atualidade sobre o tema considerando os últimos 12 anos.

Metodologia

Trata-se de um estudo caracterizado como de revisão narrativa, pois possibilitou análise de possíveis transtornos psicológicos a partir do estudo posto na obra sociedade do espetáculo de Guy Debord de (1967) em articulação com outras produções científicas. Desta forma foram utilizadas as seguintes etapas: 1- delimitação do tema inserindo a temática transtornos psicológicos; 2 - levantamento das publicações em artigo de bases de dados da internet (BVS e Periódicos Capes) e livros; 3 – análises e classificações das informações encontradas. Nessa fase foram considerados livros e artigos que apresentavam uma correlação entre sociedade atual e sua relação com as mídias e transtornos psicológicos; 4 – organização e escrita das ideias estabelecidas.

De acordo ROTHER, (2007), os artigos de revisão narrativa são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o “estado da arte” de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou conceitual. Ainda segundo esse autor é preciso atenção para que as fontes utilizadas ofereçam fidedignidade e análise profunda das informações. A elaboração da pergunta norteadora se deu através da indagação de como a espetacularização da sociedade apresentada por Debord interferia ou se relacionava aos transtornos psicológicos. A partir desse pressuposto usamos como descritores nas bases de dados citadas acima: sociedade do espetáculo; contemporaneidade; sofrimento psíquico.

No tocante os livros foram utilizados aqueles que estabeleciam relação direta com o contexto analisado e informações consistentes pertinentes ao assunto. Assim, a análise dos artigos se deu considerando aqueles que traziam nas palavras chaves, usadas como descritores na pesquisa, também, transtornos psicológicos e sociedade do espetáculo. Além disso, também, estabelecemos relação com o termo contemporaneidade, dando ênfase àqueles que tratavam sobre imagem corporal relacionando-os às redes sociais.

Resultados e Discussões

Pesquisa constatou que existem transtornos que podem ser desencadeados pelo uso excessivo das redes sociais relacionado com perfil de pessoas que se desejam mostrar do próprio corpo de forma distorcida com os filtros. Assim como, existem pesquisas que mostram a relação entre *selfies*, em grande quantidade, com o transtorno de personalidade narcísico. Além disso, alguns estudos pesquisados sugerem o lado perigoso das *selfies*, quando a pessoa ultrapassa todos os limites para conseguir a *selfie* perfeita.

Para uma melhor compreensão da temática em questão, definiu-se três categorias abaixo descritas:

1- Redes sociais e a relação com a aparência

Os meios de comunicação exercem o papel de principal reprodutor das características inerentes à sociedade atual. Conectados o tempo todo às diversas redes sociais, os indivíduos promovem uma realização pessoal que tem prazo determinado, assim funcionam os *status e direct* usados no *WhatsApp e Instagram*. Teoricamente, tais fatos ocorrem por necessidade de realização inerente ao ser humano. E isso se apresenta a partir da busca incessante de atingir a autorrealização, ou seja, o “eu” ideal, que cessa com o alcance do objeto desejável que tem prazo de validade de satisfazer a necessidade que justifica o querer ter. Por tanto, podemos inferir que temos uma sociedade condicionada pelo consumo, capaz de tornar um objeto obsoleto em fração de segundos diante da publicidade marqueteira midiática baseada no imediatismo que leva o sujeito à supercivilização, inclusive das pessoas.

A superficialidade das relações humanas põe os objetos ocupando o lugar de pessoas, criam-se relacionamentos objetivos, possuem-se as pessoas e amam-se os objetos.

O mundo do consumo mantém as pessoas como gado, em piquetes. O remanejamento acontece de acordo com as necessidades dos que arrematam a engrenagem do consumo. O grande objetivo é manter todos controláveis, em piquetes determinados, falantes, divulgadores, publicadores, marqueteiros domésticos que estão sempre socializando a última isca que engoliram. Sendo assim, fica fácil criar a resposta esperada. (MELO, 2019, p.162)

O fato é que a necessidade de se dizer parte de um determinado grupo social torna os indivíduos, de certo modo, um ser passivo diante da propagação e afirmação da imagem. É como se o sujeito fosse aquilo que ele consome, pois, transmite “felicidade” nas redes sociais

com diversos *selfies*, por dia que inconscientemente ou consciente têm como objeto mostrar onde está, o que está fazendo, comendo e vestindo. Grandes marcas são levadas em suas roupas como comissão de frente ou chaves que abrem as portas do entrosamento nos mais diversos espaços sociais.

Selfies são emocionalmente envolventes porque são pessoais. Os humanos são animais sociais. Estamos programados para nos conectar. Desejamos inatamente prolongar a conexão humana. A maioria das *selfies* é tirada para capturar uma experiência com outra pessoa, mostrar estar em um local interessante ou especial ou registrar um momento social. Quando fazemos isso, nossos cérebros ficam muito, muito ocupados. Focamos a imagem na lente da câmera, sentindo as emoções que fizeram o momento valer a pena capturar. A "urgência" de uma *selfie* - sua qualidade fugaz - aumenta nossa concentração. Estamos, consciente ou inconscientemente, procurando ver como parecemos, se todos estão na foto e se isso captura a experiência subjetiva. Nós também estamos, com nossos cérebros incrivelmente fáceis, projetando um pouco no futuro. Estamos antecipando - imaginando ver e compartilhar a imagem e lembrar o momento, o evento, as pessoas e os sentimentos. (RUTLEDGE, 2015, np)

É salutar perceber que o excesso que de *selfies* pode representar características que de acordo com o que aponta Abreu, (2018) existe “uma correlação entre a quantidade de *selfies* tiradas por uma pessoa e certos traços de narcisismo, ou seja, quanto mais fotos, mais narcisista uma pessoa é.” Corroborando com esta afirmação, Feist *et al* (2015) definem como narcisismo maligno:

Da mesma forma que todas as pessoas exibem algum comportamento necrofílico, todas também têm algumas tendências narcisistas. As pessoas sadias manifestam uma forma benigna de narcisismo, ou seja, um interesse pelo próprio corpo. No entanto, na forma maligna, o narcisismo impede a percepção da realidade, de modo que tudo o que pertence a uma pessoa narcisista é altamente valorizado e tudo o que pertence a outro indivíduo é desvalorizado. (FEIST *et al*, 2015, p.137)

O narcisismo representa a adoração exacerbada a própria imagem. Sendo as redes sociais uma ferramenta propícia à autopromoção, fazendo com que a prioridade dos indivíduos nos momentos que se percebem vivenciar o ‘*glamour*’ seja produzir fotos de si mesmo para em seguida alimentar suas redes sociais com intuito de mostrar que fazem parte de uma representação social valorizada.

Convém ter muito cuidado com as fotos de si mesmo. Nem todos os que tiram *selfies* são narcisistas, mas um estudo realizado por Daniel Halpern e Sebastián Valenzuela, da Pontifícia Universidade Católica do Chile, concluiu que as pessoas que tiraram mais fotos de si mesmas durante o primeiro ano da pesquisa mostraram um aumento de 5% no nível de narcisismo no segundo ano. “As redes sociais podem modificar a personalidade. Autorretratar-se, quando se é narcisista, alimenta esse comportamento”, explica, por telefone, Halpern. “Nas redes podemos nos mostrar como queremos que nos vejam. Essa imagem perfeita que acreditamos que os demais

têm de nós pode alterar a que nós temos de nós mesmos”, adverte. Ter impacto nas redes pode causar dependência e também temor (o medo do vazio de uma postagem sem uma curtida sequer). (Galdino, 2017, np)

Por vezes o espetáculo que ocupa o lugar da realidade sobrepuja a mesma tornando a aparência uma representação referenciada a partir da imagem que de algum modo suprime a historicidade contida na construção da vivência humana. Ao mesmo tempo, tal processo esvazia a qualidade no que diz respeito ao conteúdo.

Além disso, a imagem que hoje é postada na forma digital pode ser compartilhada e aperfeiçoada em uma riqueza infinita de detalhes, constituindo aquilo que se denomina exuberância do momento. Dados apresentados pela *Samsung*, por exemplo, demonstram que essa tendência é tão expressiva que 36% dos instantâneos tecnológicos não são publicados da forma como foram obtidos, mas retocados por seus donos antes de seguirem para seu destino final, as redes sociais – como *Facebook* (48%) e *WhatsApp* (27%). (ABREU, 2016, p. 261)

A mídia exige dos usuários um tipo ideal inalcançável justificado pela própria dinâmica pela qual os momentos se tornam obsoletos nas redes sociais, pela necessidade de mostrar sempre o novo a cada *selfie* postada. É constatação ideológica da manutenção do caráter regenerador das propagandas que sustentam a ideia de juventude e beleza eternas, criando legiões de pessoas insatisfeitas.

2- Transtornos mentais e as influências da mídia?

A relação que vem se estabelecendo entre as redes sociais e a hegemonia do parecer ser tem acometido as pessoas com diversos transtornos ocasionados pela busca, de muitas vezes, serem iguais aos resultados dos efeitos disponíveis em aplicativos, onde se torna possível a realização da necessidade de consonância. De acordo com o DSM – 5, 2014, o transtorno de *borderline* é “um padrão difuso de instabilidade das relações interpessoais, da autoimagem e dos afetos e de impulsividade acentuada que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos”. Além disso, o DSM-V define transtorno mental, de modo geral, como sendo:

uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental. Transtornos mentais estão frequentemente associados a sofrimento ou incapacidade significativos que afetam atividades sociais, profissionais ou outras atividades importantes. Uma resposta esperada ou aprovada culturalmente a um estressor ou perda comum, como a morte de um ente querido, não constitui transtorno mental. Desvios sociais de comportamento (p. ex. de natureza política, religiosa ou sexual) e conflitos que são basicamente referentes ao indivíduo e à

sociedade não são transtornos mentais a menos que o desvio ou conflito seja o resultado de uma disfunção no indivíduo, conforme descrito. (DSM-V, 2014, p.20)

Quando envolto à realidade distante de *selfies* e aplicativos, o indivíduo se depara com a incongruência, fato que pode despertar uma baixa autoestima ou motivá-lo a procurar procedimentos estéticos que o torna parecido com personagem e fotos desejadas.

A mídia (...) intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória, encoraja o homem comum a se identificar com as estrelas e a odiar o ‘rebanho’ e torna cada vez mais difícil para ele aceitar a realidade cotidiana. (...) A moderna propaganda de mercadorias e da boa vida sancionou a gratificação do impulso. (...) Contudo, essa mesma propaganda tornou insuportáveis o fracasso e a perda. (LASCH, 1983, p. 43/44)

Não é incomum encontrar pessoas absolutamente insatisfeitas com seu corpo e que querem modificá-lo com o desejo de parecer com alguém. Existem estudos que relatam os efeitos negativos, provocados pelos *selfies* em pessoas que fazem uso abusivos desses mecanismos. A Sociedade Americana de Psiquiatria em estudo publicado em 2014 aponta a prática do autorretrato como patológica e a classifica em três níveis.

1-Um primeiro nível, mais leve, denominado de *borderline*, onde a pessoa se autofotografa pelo menos três vezes por dia, mas não posta os retratos nas redes sociais. 2- Um segundo nível, denominado de *agudo*, onde a pessoa se autofotografa também as mesmas três vezes por dia, mas, dessa vez, compartilha nas redes sociais e, finalmente, 3- Um nível mais intenso que se denomina de *crônico*, ou seja, uma necessidade incontrolável de se autofotografar e de postar nas mídias sociais, mais de seis vezes por dia. (ABREU, 2020, p.128)

O transtorno de personalidade *borderline- TPB* - é exatamente o contrário do transtorno narcisista na maneira como se manifesta no sujeito em relação à percepção de si mesmo. Naquele desenvolve no sujeito o sentimento de insegurança. Neste está presente a grandiosidade, a falta de empatia. Portanto pode-se correlacionar o TPB com a teoria freudiana de mecanismos de defesa. Indivíduos com este tipo de transtorno tendem a negar de alguma forma aquilo que lhe é posto e ao mesmo tempo projetam para outras pessoas. “O mecanismo da negação é a manipulação mental de um episódio *externo*” (Kahn, 2003). Já a projeção é “o mecanismo de defesa com o qual manipulamos uma percepção interna e uma externa” (idem).

Um estudo recente com estudantes universitário usou uma escala que pode revelar enquanto o narcisismo pode distorcer a autoimagem . Usando a Self-Concept Clarity (escala de clareza de autoconceito).

Self-Concept Clarity (SCC) analisa o quão nítida ou vaga a ideia de si mesmo é, avaliando, por exemplo, quantas crenças conflitantes uma pessoa tem sobre si mesma, sentimentos de inautenticidade e dificuldade de compartilhar quem é com os outros. (...) Os autores do estudo concluem que: indivíduos com baixo SCC têm autoimagens mais distorcidas; a relação entre baixo CCS e distorção da autoimagem é mediada pela dimensão do esconder-se no fator narcisismo vulnerável; esta distorção da autoimagem de alguém, via narcisismo vulnerável, é uma distorção. (...) Aqueles com SCC mais pobre tinham maior distorção na forma como se viam. A insegurança narcisista, não a fantasia grandiosa, foi responsável por 75% da conexão entre a clareza do autoconceito e a autoimagem distorcida, apoiando o modelo psicanalítico de vulnerabilidade oculta. A fantasia grandiosa na verdade teve o efeito oposto, enfraquecendo a conexão entre estabilidade de identidade e distorção da auto-imagem em 25%. Da mesma forma, o aumento do autoaperfeiçoamento estava relacionado a uma maior insegurança narcísica e não a fantasias grandiosas. Quanto maior a tendência de se esconder por insegurança, maior a crença do participante de que era mais atraente do que os outros o consideravam. (BRENNER, 2021,np)

Existem pesquisas que mostram quais motivos que justificam o fato de as pessoas chegarem a esses níveis tais como traços narcísicos e sentimentos de negação social. Assim ele relata que:

Algumas pesquisas, inclusive, já apontaram anteriormente a existência de uma correlação entre a quantidade de *selfies* tiradas por uma pessoa e certos traços de narcisismo (aqueles que se autovalorizam excessivamente), ou seja, quanto mais fotos, mais narcisista uma pessoa é. Outras investigações, por exemplo, apontam o comportamento exagerado como forte indicativo de indivíduos portadores de sentimentos de menor consideração e de pouca representação social e, assim, ao se sentirem pouco atrativas e valorizadas, "dão uma mãozinha", digamos assim, através de uma autopromoção "forçada" nas fotos, usando certos cenários de fundo, exagerando nas emoções e, finalmente, criando um glamour. (ABREU, 2020, p.129)

Em outro artigo, o mesmo autor aponta a relação da dismorfia com os filtros feitos nos aplicativos de efeitos fotográficos, no qual ele qualifica o dimorfismo como: “dismorfia do Snapchat”. Esse tipo de transtorno está relacionado à busca pela modificação da aparência. Dessa vez não mais alimentada pela imagem de um artista, um famoso. Nela, o procedimento cirúrgico é feito baseado em resultados de fotos depois de aplicados filtros. De acordo com Whitbourne & Halgin, (2015) o transtorno dimórfico corporal (TDC) é uma desordem no qual os indivíduos são preocupados com a ideia de que uma parte de seu corpo é feia ou defeituosa. Segundo Conrado (2009):

O TDC é diagnosticável por quatro critérios necessariamente presentes: (i) o indivíduo preocupa-se com um defeito na aparência física (que não são observáveis ou aparentam ser mínimas para os outros) e se uma mínima anomalia está presente, tem preocupação marcadamente excessiva com essa; (ii) durante o curso da doença, o indivíduo realiza comportamentos repetitivos (por exemplo, verificações no espelho, escoriação neurótica e pedir opinião de amigos e familiares sobre o defeito) ou atos mentais (por exemplo, comparando a sua aparência com a dos outros) em resposta para os problemas de aparência; (iii) a preocupação deve causar estresse significativo ou prejuízo na vida social, ocupacional ou outras áreas do funcionamento; (iv) essas

queixas não podem ser caracterizadas como outro transtorno mental, tais como a anorexia nervosa.(p.241.)

A preocupação excessiva com a imagem pode ocasionar o surgimento de diversos tipos de transtornos e isso torna-se mais grave quando aliado ao uso relacionado com os aplicativos fotográficos e seus recursos. Além da necessidade de aparição social e autoafirmação do ser de seres momentâneos, que conforme M’uzan, 2019:

Obras como as de Jensen ou de Huizinga nos mostram como a atividade de representação – isto é, a encenação, a dramatização – está na origem de um largo espectro de fenômenos humanos, que vão do sonho e da fantasia à arte, passando pelos mitos e representações culturais, pelos jogos – sagrados e profanos – até os jogos de palavras e os trocadilhos. (M’UZAN, 2019,p.5)

Segundo Goffman (2016) “nossa personalidade é a soma de diversos papéis que desempenhamos” Seja por natureza ou por necessidade de adaptação social, o indivíduo perde sua liberdade experiencial quando cristaliza, no imediatismo, seus desejos de parecer ser. “Assim nós escolhemos, por meio da percepção, pensamentos e raciocínio, os valores, as crenças, as opiniões e as expectativas que regularão a conduto para uma meta almejada” Braghirolli (2012).

O domínio da mídia estabelece modos de viver e de se relacionar a partir do uso da imagem, da necessidade de pelo menos parecer ser. O que mostramos com este trabalho de pesquisa bibliográfica é que a aparência está no topo das necessidades da sociedade. Existe um fetiche controlador dessa realidade que dificulta o sujeito a diferenciar o real daquilo que lhe é imposto por questões de prevalência da necessidade, de se sentir parte integrante de um meio social, cultural e moralmente desconecto.

3- Contemporaneidade e sociedade do espetáculo

As demonstrações mais espetaculares vivenciadas na atualidade estão diretamente relacionadas à busca pelo corpo belo e perfeito, livre de suas marcas constituintes, até certo ponto. Evidenciamos a luta incansável e insaciável pela padronização tão difundida pela mídia. Assim, na contemporaneidade, o corpo, que adquire sentido no *parecer* e não no *ser*, tem valor simbólico e, conseqüentemente, valor de troca. Zorzan & Chagas, (2011).

Em busca da *selfie* perfeita algumas pessoas chegam a colocar a própria vida em risco. Já é possível encontrar campanhas que anunciam precauções para se evitar acidentes que levam

à morte pelo ato de se autofotografar. Na Rússia, por exemplo, foi criada a campanha “*safe-selfie*” em 2015.

A campanha inclui folhetos, um vídeo e conselhos no site do ministério, e usa sinais de alerta no estilo de sinais de trânsito para transmitir sua mensagem. Em uma imagem, uma figura segurando um bastão de selfie vagueia em uma ferrovia. “Uma selfie nos trilhos do trem é uma má ideia se você valoriza sua vida”, diz o folheto. Em outro dos sinais de alerta, uma figura sobe em um poste de eletricidade enquanto tira uma selfie. O vídeo de segurança pública produzido pelo ministério inclui imagens espetaculares filmadas por “*roofers*” - uma subcultura baseada em entrar ilicitamente em prédios altos e tirar fotos do topo, muitas vezes virais nas redes sociais. (THE GUARDIAN, 2015)

Imagem 1: Imagens da campanha



Fonte: The Guardian, 2015

A *selfie* é um elemento ativo na vida das pessoas nesses tempos de relações artificiais. A rapidez com que se propaga um momento vivido, quase que em tempo, produz a necessidade de que cenários e posições não sejam repetidos. Por trás disso se esconde o risco de o momento registrado ser o último para os aventureiros que aceitam os desafios das necessidades externas.

A modelo britânica Madalyn Davis, de 21 anos, morreu no começo do ano ao cair do penhasco em Diamond Bay, em Sydney, na Austrália. Recentemente, um inquérito revelou que álcool e vestígios de drogas "prejudicaram a capacidade dela de tomar decisões e de se equilibrar" Madalyn tinha ido à uma festa na noite anterior à sua morte e depois foi, com outras sete pessoas, tirar fotos e ver o sol nascer. Segundo o legista *Gordon Clow*, o grupo estava em "um ponto de acesso para *selfies* onde as pessoas escalam a cerca" para acessar o topo do penhasco. (...) Um estudo, organizado

pela *Nottingham Trent University*, do Reino Unido, tentou achar a resposta e elaborou a “Escala do Comportamento *Selfitis*”, que quantifica o grau de desordem mental de uma pessoa por tirar *selfies*. A conclusão foi que as pessoas que mais tiravam *selfies* eram as que tinham alta dependência social ou desejavam uma maior valorização. Foram observados, também, “comportamentos de vício”. (R7, 2020,)

O desejo de *parecer* é a mola propulsora da relação estabelecida entre aquilo que é propagado e aquilo que é real. Além disso, a todo o momento as pessoas, quando estão conectados, têm seus espaços virtuais bombardeados de propagandas instigadoras do consumo. Isso se dá pelo controle artificial de todas as páginas e sites que o usuário visita.

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes... transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais. (BAUMAN, 2008, *apud*, OLIVEIRA & MACHADO, 2011, p.530)

Com base nos conceitos de Bauman (2007) constatamos viver em uma sociedade muito fluida. É o estado de imprecisão das relações sociais e impossibilidade de manter-se por muito em uma situação, visto que, tais circunstâncias desencadeiam o desejo de preencher os vazios existenciais provocados pela “liquidez” do tempo e espaço.

O contemporâneo caracterizado pelo avanço indiscriminado do desenvolvimento tecnológico, pela mudança da noção de tempo e espaço, pelo consumismo e narcisismo, pode ser considerado um mundo onde tudo ocorre de forma rápida em que os valores e a forma de agir nem sequer se consolidam interferindo, provavelmente, no vínculo de confiança das pessoas com o futuro. (SILVA, *et al*, 2013, p.123)

A contemporaneidade é marcada, além de tudo, pelo fetichismo, exigindo uma postura de abertura democrática enganosa, mediada pelas redes sociais. A rapidez com que temos acesso à informação cria um distanciamento oculto entre a realidade vivida e o conhecimento real é desprezado involuntariamente.

O espetáculo *faz da aparência inerência* [grifos do autor]. A realidade diluída em imagens leva o sujeito a perder a confiança em seu discernimento e a crer, *prima facie* [grifos do autor], no que dizem os jornais, revistas, filmes e programas de rádio ou de televisão. O mundo filtrado pela mídia deixa de ser um fato incontestável, visto e produzido por todos, para se tornar uma ficção volátil que existe enquanto é exibida e deixa de existir quando sai do noticiário. O verdadeiro não é mais “aquilo que é”, mas o que os proprietários dos meios de comunicação de massa decidem que deve ser visto. (Freire-Costa, 2005, *apud*, OLIVEIRA & MACHADO, 2011, p.531)

Pela da ótica da ilusão de igualdade social, de certa forma, são criados os sofrimentos massificantes que assolam a sociedade que vive em busca de *pertencer*, ignorando a possibilidade de *ser*. Deslocando-se, descontentes e destituídos da apreensão do agora acabamos na instabilidade do desconhecido imposto por múltiplas figuras que impulsionam a busca do novo desejo, feito a cada propaganda absorvida. O *espetáculo* impede que as relações sociais desenvolvam os meios necessários à sobrevivência, legitimando a artificialidade ilimitada. O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. Debord (1997)

A imagem fotográfica na contemporaneidade tem sido utilizada em plataformas de redes sociais como forma de autopromoção do indivíduo que age como um idólatra da imagem. A imagem na sociedade de consumo e do espetáculo assume papel primordial nas relações pessoais, principalmente no ciberespaço. As pessoas passam a criar imagens para representar a própria vida e a viver em função da produção de imagens, promovendo então a inversão da função das imagens, que alguns teóricos chamam de sociedade da imagem ou “civilização da imagem”. (WARD, 2020, np)

O papel das imagens na contemporaneidade se vincula ao afastamento das pessoas do espectro de relações sociais duráveis. A virtualidade requer rapidez e fluidez, aquele que não acompanha as atualizações diárias dos filtros e de todas as demandas exigida para pertencer ao mundo subvertido é deixado para trás e prontamente é esquecido. Essa é a lógica contemporânea das relações artificiais.

Conclusão

Por vivermos em uma sociedade do imediatismo, da instantaneidade, de um mundo superficial guiado pela imagem da padronização, da coisificação de tudo, inclusive das pessoas este estudo se apresentou pertinente.

Os achados de pesquisa, nos permite argumentar que Debord descreveu uma sociedade fluida e momentânea, guiada pela lógica do consumo midiático, assim como, pela necessidade desacerbada de parecer ser para pertencer. O espetáculo da sociedade aqui apresentado diz respeito à forma como atualmente se dá a relação com o que é necessário e com o que é supérfluo, que se encontra em uma lógica invertida em nome da supremacia da imagem representada de uma ideologia dominada pela hegemonia da padronização.

Observamos que em meio a esse espetáculo, que passa despercebido, as pessoas são capazes de colocar sua própria vida em risco, em nome da supremacia da mídia que dita o que é belo e bom, e deve ser seguido por todos.

Pode-se concluir que o indivíduo diante de tantos recursos disponibilizados pelas redes sociais desenvolve a necessidade de prestígio, de se pôr no cárcere da vida pública, negando totalmente a sua privacidade. Pessoas com comportamentos narcísicos são mais suscetíveis às influências sociais por necessidade de autoafirmação e de persuadir outras por falta de empatia. E isso não significa que só as pessoas que compulsivamente usam as redes sociais com o intuito de autoafirmação têm características narcísicas. Contudo, podemos dizer que existe uma categorização da representação de comportamento narcísico.

Nesse sentido, isto permite caracterizar a espetacularização como perda da noção de tempo e espaço em virtude das relações virtuais. Percebe-se uma supremacia do fetichismo em torno da imagem, contrapondo-se com a valorização da privacidade. O exibicionismo reinando sobre a essência do ser, onde a aparência com seu cajado imperioso domina, assim como se vê no reinado britânico. O domínio pela aparência da representação do poder não pelo que de fato é.

Portanto, a leitura desta obra e de outras que foram usadas para corroborar nosso trabalho nos permite perceber que nesta sociedade as pessoas são aquilo que consomem, ou seja, aquilo que o poder dominante as faz parecer ser.

Referências

ABREU, Cristiano Nabuco de. A psicologia das *selfies*: autoexpressão ou sinal de problema? In: *Psicologia do cotidiano: como vivemos, pensamos e nos relacionamos hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2016.

- *Selfities* o lado patológico e perverso das *selfies*. In: *psicologia do cotidiano 2: como a ciência explica o comportamento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2020.-. Dismorfia do snapchat pessoas buscam ter o rosto igual aos seus filtros. Blog do Nabuco. Disponível em: <https://cristianonabuco.blogosfera.uol.com.br>. Acesso: 14 jan. 2020.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt (2007). *Vida líquida*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

BRAGHIROLI, Elaine Maria. *Psicologia Geral*. 31ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

BRENNER, Grant Hilary. *Como o narcisismo distorce a autoimagem por meio da clareza do autoconceito*. 2021. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/experimentations/202101/how-narcissism-distorts-self-image-self-concept-clarity>. Acesso em: 17 jan 2021

CONRADO, Luciana Archetti. Transtorno dismórfico corporal em dermatologia: diagnóstico, epidemiologia e aspectos clínicos. *An. Bras. Dermatol.*, Rio de Janeiro, v. 84, n. 6, p. 569-581, dez. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S036505962009000600002&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0365-05962009000600002>.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DYSON, Freeman. *O sol, o genoma e a internet: ferramentas das revoluções científicas*. Tradução: Otacílio Nunes Jr. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FEIST, Jess et al. *Teorias da personalidade*. Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa; revisão técnica: Maria Cecília de Vilhena Moraes, Odette de Godoy Pinheiro. _ 8.. ed. – Porto Alegre : AMGH,2015.

GALDNO, Cristina. *Vivemos na era do narcisismo*. Como sobreviver no mundo do eu, eu. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/03/cultura/1486128718_178172.html. Acesso em 19 jan 2021.

KAHN, Michael. *Freud básico: pensamentos psicanalíticos para o século XX*. Tradução de Luiz Paulo Guanabara. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2003.

KLEINNAM, Paul. *Tudo que você precisa saber sobre psicologia: um livro prático sobre o estudo da mente humana*. Tradução Leonardo Abramowicz. São Paulo: Editora Gente, 2015.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS [recurso eletrônico] : *DSM-5* / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ...[et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2014.

LASCH, Cristhopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança em declínio*. Tradução por Ernani Pavaneli. Rio de Janeiro. Imago, 1983.

MELO, Fábio de. *Por onde for teu passo, que lá esteja o teu coração: um diálogo com a consciência, a menina interior*. São Paulo: Planeta do Brasil,2019.

M'UZAN, Michel de. *Da arte á morte: itinerário psicanalítico: tradução Fábio Landa*. – São Paulo: Perspectiva, 2019. Coleção Estudos: 336 / coordenação J. Guinsburg (in memoriam)

O LIVRO DA PSICOLOGIA / [tradução Clara M. Hermeto, Ana Luisa Martins] – 2. Ed. São Paulo: Globo Livros, 2016.

OLIVEIRA, Alysson. "A sociedade do espetáculo": O tempo que passou e não passou. 2018. Blog: Letras e fotogramas. Disponível em: http://www.cineweb.com.br/blogs/post.php?id_blog=2&id_post=272. Acesso em: 16 jan. 2020.

OLIVEIRA, Adriano Machado *et al.* ADOLESCÊNCIA EA ESPETACULARIZAÇÃO DA VIDA. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, pág. 529-536, dezembro de 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822015000300529&lng=en&nrm=iso. acesso em 16 de janeiro de 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p529>.

QUINTANEIRO, Tania *et al.* *Um toque de clássico: Marx, Durkheim e Weber*. 2. Ed. Revista e atualizada. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2009.

R7. *Selfie mortal: Modelo que caiu de penhasco estava drogada*. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/prisma/refletindo-sobre-a-noticia-por-ana-carolina-cury/selfie-mortal-modelo-que-caiu-de-penhasco-estava-drogada-23122020>. Acesso em: 17 jan 2021

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 20, n. 2, editorial, abr./jun.2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n2/a01v20n2.pdf> >. Acesso em: 18 jan 2021

RUTLEDGE, Pamela B. *6 razões pelas quais tirar selfies pode ser perigoso para sua saúde*. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/positively-media/201509/6-reasons-why-selfie-taking-can-be-hazardous-your-health>. Acesso: 18 jan 2021

SILVA, Guilherme Elias da *et al.* Organizações estratégicas: campo de (Re)produção da ideologia narcisista e do espetáculo. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 1, p. 121-137, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X2013000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16 jan. 2021. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.1-09>.

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui *et al.* A alienação mental e suas (re) produções na contemporaneidade. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 9, n. 2, p. 04-10, dez. 2008. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167729702008000200002&lng=pt&nrm=iso. acesso em 31 Mai. 2019.

--*A depressão como mal-estar contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579831003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109146>>. Acesso em: 10 Out. 2020

THE GUARDIAN, 2015. 'Uma selfie com uma arma mata': a Rússia lança campanha pedindo segurança fotográfica. Disponível em : <https://www.theguardian.com/world/2015/jul/07/a-selfie-with-a-weapon-kills-russia-launches-safe-selfie-campaign>. Acesso em: 19 jan 2020

VARGAS LLOSA, Mario. *A civilização do espetáculo: Uma radiografia do nosso tempo e de nossa cultura*. Tradução Ivone Benedetti- 1a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

WARD, Rodolfo. *A sociedade do espetáculo na contemporaneidade*. 2020. Disponível em:

<https://noticias.unb.br/artigos-main/4484-a-sociedade-do-espetaculo-na-contemporaneidade>.
Acesso: 19 jan 2021.

WHITBOURNE, Susan Kruass *et al.* *Psicopatologias: perspectivas clínicas dos transtornos psicológicos*. Tradução: Maria Cristina G. Monteiro; revisão técnica: Francisco B. Assumpção Jr., Evelyn Kuczynski.- 7. Ed.- Porto Alegre: AMGH, 2015.



Como citar este Artigo (ABNT):

GOMES, Lidiane Bernardo; LEITE JUNIOR, Francisco Francinete. Essência versus Aparência? Perspectivas Teóricas sobre os Transtornos Psicológicos numa “Sociedade do Espetáculo”. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2021, vol.15, n.55, p. 1-19. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 22/02/2021;

Aceito: 05/02/2021.